UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
FACULDADE DE LETRAS ESTRANGEIRAS MODERNAS
CURSO DE LIBRAS

PATRÍCIA COLARES DE OLIVEIRA

TEM SURDO NO TERREIRO DE UMBANDA PARAENSE: O QUE FAZER?

Belém/Pará

2024

PATRÍCIA COLARES DE OLIVEIRA

TEM SURDO NO TERREIRO DE UMBANDA PARAENSE: O QUE FAZER?

Trabalho de Curso (TC), apresentado como exigência para obtenção de diploma de licenciado pelo curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Pará.
Orientação do professor Dr. Huber Kline Guedes Lobato.

BELÉM/PARÁ

2024

PATRÍCIA COLARES DE OLIVEIRA

TEM SURDO NO TERREIRO DE UMBANDA PARAENSE: O QUE FAZER?

Trabalho de Curso (TC), apresentado como exigência para obtenção de diploma de licenciado pelo curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Pará.
Orientação do Professor Dr. Huber Kline Guedes Lobato.

DATA DA DEFESA: 31/10/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Huber Kline Guedes Lobato
Orientador-UFPA

Prof. Me. Lucival Fábio Rodrigues da Silva
Membro Avaliador –UFPA

Prof. Dr. Eder Barbosa Cruz
Membro Avaliador –UFPA

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO ……... 6
2 AS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRO-BRASILEIRAS ……...7
2.1 A representatividade do Axé: Candomblé, Tambor de Mina e Umbanda ……7
3 TERREIRO: ESPAÇO DE RESISTÊNCIA NA TRANSMISSÃO DE SABERES E TROCAS DENTRO DE UMA ABORDAGEM EDUCATIVA ……. 7
4 A DESCONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIORRELIGIOSO ACERCA DO APRENDIZADO DAS MATRIZES AFRO-RELIGIOSA PARA OS SURDOS: É POSSÍVEL?..... 7
5 COMUNICAR, EDUCAR PARA TRANSMITIR AS PRÁTICAS RITUALISTAS DA UMBANDA PARA O SURDO …….. 8
6 RELIGIÕES DE MATRIZES AFROBRASILEIRAS ……..… 8
6.1 representatividade do Axé: Candomblé, tambor de mina e Umbanda……..…10
6.2 Candomblé ……10
6.3 Tambor de mina ……11
6.4 Umbanda …… 11
7 TERREIRO: ESPAÇO DE RESISTÊNCIA NA TRANSMISSÃO DE SABERES E TROCAS DENTRO DE UMA ABORDAGEM EDUCATIVA ……. 13
8 A DESCONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIORRELIGIOSO ACERCA DO APRENDIZADO DAS MATRIZES AFRO-RELIGIOSA PARA OS SURDOS: É POSSÍVEL? ……17
8.1 A simbologia dos ritos na umbanda ……19
9 COMUNICAR, EDUCAR PARA TRANSMITIR AS PRÁTICAS RITUALÍSTICAS DA UMBANDA PARA O SURDO …….. 22
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS ……... 24
9 REFERÊNCIAS ……26

RESUMO

O trabalho científico tem como objetivo retratar sobre o surdo no terreiro de matrizes afro-paraenses, ratificando a importância de Libras como ferramenta de comunicação e trocas de saberes no espaço sagrado. A problemática é: como transmitir os saberes e fazeres das práticas religiosas umbandista para o surdo ao adentrar em um terreiro? O processo metodológico: trata-se de pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica. A pesquisa permitiu a visualização de relatos e experiências de produções científicas que ressaltam a participação do surdo nesses espaços. Os resultados apontam que há uma escassez de trabalhos acerca da participação do surdo nas comunidades afro. A inclusão sendo trabalhada por meio de debates e palestras num terreiro de matriz afro promoverá uma maior conscientização e sensibilidade dos praticantes referente ao acolhimento e inserção dos saberes e fazeres dos ritos da religião para os surdos na comunidade religiosa. Para tanto será explanado sobre as religiões de matrizes afro no Brasil de forma resumida e a relevância de trabalhar a comunicação no terreiro das Libras.

Palavras-chaves: Matrizes afro-brasileiras; Comunicação; Educação; Pessoa Surda.

ABSTRACT

This scientific paper aims to portray the deaf in the Afro-Brazilian terreiro of Pará, ratifying the importance of Libras as a tool for communication and exchange of knowledge in the sacred space. The problem would be how to transmit the knowledge and practices of Umbanda religious practices to the deaf when they enter a terreiro. The methodological process would be the bibliographic research of a qualitative approach that will allow the visualization of reports and observation of scientific productions that highlight the participation of the deaf in these spaces. Since there is a shortage of works about the participation of the deaf in Afro communities. The inclusion being worked on through debates and lectures in an Afro-Brazilian terreiro will promote greater awareness and sensitivity of the practitioners regarding the reception and insertion of the knowledge and practices of the religious rites for the deaf in the religious community. To this end, an explanation will be given about Afro-Brazilian religions in Brazil in a summarized way and the relevance of working on communication in the Libras terreiro.

Keywords: Afro-Brazilian matrices, communication, education, deaf subject.

INTRODUÇÃO

POVO DE ARUANDA

Vamos começar nossos trabalhos de hoje!

Pedimos licença, limpamos os pés para poder chegar
Que nada me mal irá nos afetar
Fé em Deus, e Saravá!

Olha o neguinho chegando mais uma vez
Pedindo licença pra todos vocês
Eu respeito a doutrina da sua fé
Respeite a minha conhecida, como Candomblé

Vinda da África com vossa realeza
Cultuando divindades da natureza
Oxalá, Iansã, Iemanjá, Xangô, Oxossi, Ogum, Obatalá
Quem nunca viu, vem ver, caldeirão sem fundo ferver[...]

Eu acredito num Deus superior
Que ensina o respeito, a paz e o amor
Entre tantos nomes Também conhecido como
Jah, Jeová, que me abençoa abençoando os Orixás

O rap **“Povo de Aruanda”** de Thaide traz rimas e versos que contam pontos importantes sobre a história e a devoção das religiões Umbanda e Candomblé com seus ritos e ritualísticas oriunda de uma cultura ancestral, além de questionar os rótulos e o preconceito vindos de outras religiões. Partindo dessa análise da música e possível compreende que as religiões de matrizes afros perpassaram por preconceito oriundo do colonialismo que discriminava a cultura religiosa dos negros tidas como diabólicas e que ultrapassam a barreira do tempo e espaço, e a forma de resistência desses grupos sociais e manter sua ancestralidade a partir da desconstrução do imaginário social que ainda transcende esse colonialismo.

O presente texto científico tem como objetivo retratar sobre o surdo no terreiro de matrizes afro-paraenses, ratificando a importância de Libras como ferramenta de comunicação e trocas de saberes no espaço sagrado. Os objetivos específicos são: Realizar uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa; verificar as produções científicas que ressaltam a participação do surdo nesses espaços sagrados. A

problemática é: como transmitir os saberes e fazeres das práticas religiosas umbandista para o surdo ao adentrar em um terreiro.

Fez-se uma pesquisa bibliográfica demonstrando de forma resumida essas matrizes afro religiosa principalmente a umbanda dando ênfase a desconstrução desse imaginário social do diabólico, bem como reitera que para uma cultura se reinventa com seus ritos, se faz necessário adequação às questões do direito cidadão como acesso e inclusão do indivíduo como o surdo, priorizando contribuir para sociedade e espiritualidade. Para iniciar a explanação deste assunto tão relevante, se faz necessário pontuar como será transcorrido tal temática por meio de tópicos que resumidamente retratam:

1) As Religiões de Matrizes Afro-brasileiras;

1.1) A representatividade do Axé: Candomblé, Tambor de Mina e Umbanda:

Será explicado as especificidades e particularidades de cada uma dessa manifestação religiosa, bem como apresentar sua importância para a construção sociocultural do País;

2) Terreiro: **espaço de resistência na transmissão de saberes e trocas dentro de uma abordagem educativa espaço de Resistência na Transmissão de Saberes e trocas de ancestralidade com abordagem educativa:**

Será apresentado o que é um terreiro sendo local sagrado, em que a educação e não formal que tem suas particularidades para louvação das entidades e transmissão de saberes ancestrais priorizando uma afirmação da identidade cultural. Enforcando na umbanda de como pode se trabalha a inclusão do surdo no aprendizado religioso com uso dos elementos simbólicos de concepção viso-espacial, e para isso o debate acerca da conscientização no terreiro por parte dos sacerdotes e de seus participantes para inserir novas estratégias de conhecimento para o surdo umbandista ou visitante ter acesso a comunicação. A pergunta é: de que forma isso poderá acontecer? Tem como?

3) A desconstrução do imaginário sociorreligioso acerca do aprendizado das matrizes afro religiosa para os surdos: é possível?

Sim, ao longo da análise das pesquisas bibliográficas poderá ser explicitado que somente com a educação, as barreiras do imaginário social referente a religião afro-brasileira podem ser ultrapassadas.

4) Comunicar, educar para transmitir as práticas ritualistas da umbanda para o surdo.

Nesse tópico será explanado a importância de usar no ensino religioso, métodos pedagógicos que visem a inclusão e a transmissão desses saberes ancestrais para ratificar a identidade cultural. Para isso os sacerdotes ou mesmo praticantes da religião de matrizes afro-religiosa como na umbanda precisam, compreender a importância do atendimento e acolhimento do público surdo, tanto para a assistência quanto para o sacerdócio; pontuando a inclusão das Libras partindo da simbologia do espaço sagrado como instrumento de aprendizado.

5) RELIGIÕES DE MATRIZES AFROBRASILEIRAS

As religiões de matrizes africanas têm suas diferenças e particularidades no âmbito da sociedade brasileira, surgiram decorrente do processo histórico, econômico e político, desencadeado pela escravidão no Brasil.

> A partir do século XVI o tráfico de africanos para o Brasil tornou-se um negócio altamente lucrativo para comerciantes dos dois lados do Atlântico. Primeiramente, o tráfico era realizado por comerciantes portugueses, que foram sendo substituídos por brasileiros até que, no século XVIII, estes passaram a ter o domínio sobre os negócios do tráfico. O tráfico transatlântico de escravizados mobilizava um grande número de pessoas e de capital. Para se ter uma ideia aproximada, calcula-se que cerca de 11 milhões de africanos foram trazidos à força para as Américas na condição de escravizados entre os séculos XVI e XIX (Amaral, 2011, p. 9).

O Brasil no período colonial utilizava sistema econômico manufatureiro e escravista, partindo do tráfico de escravos africanos que vinham de várias partes da África, era um negócio lucrativo para coroa portuguesa voltado a capitação de riqueza. É válido salientar que, os escravos africanos eram distribuídos para diferentes localidades e realizavam diversos trabalhos e tinham ofícios, tanto na área rural quanto na urbana. Os cativos por sua vez, mediante a situação de exploração e maus tratos, passavam a se rebelar contra seus senhores criando resistências de cunho religioso e político, materializados em revoltas e formação de quilombos, irmandades e terreiros; era uma forma de ratificação de identidade e manutenção de suas crenças culturais e religiosas.

> Em todo o Brasil, no período colonial (até o século XVIII),o termo mais comum para nomear as práticas religiosas de origem africana parece ter sido calundu, uma expressão angolana que vem da palavra kilundu, que significa divindade em língua umbundo. A mais antiga referência escrita ao termo candomblé é do início do século XIX, na Bahia. E candomblé vem também de um termo oriundo da região de Angola, que significa culto ou oração. Sabe-se que tanto nas cidades como nas áreas rurais, as religiões africanas (ou afro-brasileiras) foram importante fator de agregação dos escravos e libertos (Albuquerque, 2006, p. 103).

No período da colonização do Brasil, o catolicismo era a religião predominante, entretanto, as práticas religiosas dos africanos tinham sua denominação de Calundu (oração) retirado da língua nativa angolana que deu origem ao candomblé da Bahia que ocorria em um espaço sagrado, onde os escravos e libertos viam como local de resistência cultural e religiosa, voltado a manutenção de suas tradições. É preciso salientar que:

> Historicamente, o conceito de religião atua no campo social como uma convenção que serviria para auxiliar a autodefinição do ser humano, como pertencente ao mundo que vive. As práticas religiosas congregam e impõem ao sujeito um conjunto de informações e preceitos a serem seguidos, bem como um modelo de vida a ser buscado no plano material, a fim de se alcançar uma vida plena no plano espiritual. (Evangelista, 2019, p. 35).

A religião seria uma prática que diversas culturas utilizam para coexistir em grupo, onde o indivíduo consiga através dela, entender sua existência dentro de um plano material e espiritual e que cada religião tem suas particularidades com estrutura, padrões, sentidos e percepções para manifestação do sagrado. Por isso, é de suma relevância entender que no processo histórico do País essas práticas religiosas africanas foram mudando conforme as transformações socioeconômica, histórica e política do País. E seus praticantes dependendo do contexto regional ou local passaram a agregar saberes e trocas com grupos culturais distintos, refletindo sobre a religião afro. Logo abaixo há um mapa que traduz as matrizes afro-religiosas que perduram e tem suas particularidades de acordo com as regiões do Brasil.

Figura 1- mapa das religiões afro-brasileiras

Fonte: https://radiomaffei.blogspot.com/2018/07/candomble-1.html

O mapa demonstra a diversidade da manifestação afro-religiosa no Brasil, bem como onde está situada cada uma, indo desde o Candomblé na Bahia, ao Tambor de Mina do Maranhão e por fim a Umbanda no Pará.

5.1) A representatividade do Axé: Candomblé, tambor de mina e Umbanda.

5.1.2) Candomblé

> O Candomblé é uma religião que se organiza a partir do culto aos Orixás, Inquices e Voduns, divindades originárias do panteão africano, mas também incluem as Entidades do universo mítico-religioso do Brasil, tais como Caboclos e Marujos, considerados, por alguns, espíritos de antepassados e geralmente subordinados àquelas outras divindades supracitadas. A divindade suprema é Olorum, o criador do mundo que designou a criação e a sua manutenção às divindades acima. Olorum não tem culto direto. Seu culto é feito através das divindades que ordenam o mundo e a vida das pessoas. Candomblé é uma síntese de tradições religiosas da África Ocidental. Especificamente da Nigéria, Benin e Togo além das influências de outras tradições religiosas (Góis, 2013, p. 323-325).

Essa religião é baseada na mitologia africana de culto aos orixás. As trocas e as misturas culturais e religiosas que ocorreram no processo histórico entre os africanos, povos ameríndios e com os europeus, permitiu estreitamento, reconhecimento e agregação de entidades tidas como inquices e voduns que fazem parte da concepção mítica religiosa do Brasil conhecido como marujos e caboclos subordinadas aos orixás superiores tais como Olorum, oxalá, obatalá entre outros. Para o autor os africanos oriundos da região da

África ocidental (Nigéria, Benin e Togo) trouxeram suas tradições de culto de ancestralidade para o Brasil responsáveis pelo o surgimento do candomblé que tem classificação e singularidade dependendo da nação, subdividida em Candomblé de Ketu para os grupos da Nigéria e do Benim de língua yorubá; Candomblé Jeje, Efon e Ijexá, também do Benim e Candomblé de Angola que abrange os povos do grupo linguístico banto.

5.1.3) Tambor de mina

> O Tambor de Mina surgiu na capital do Maranhão, se expandiu pelo Pará, Amazonas, outros Estados do Norte e para as capitais que receberam grande número de migrantes do Norte, como Rio de Janeiro e São Paulo. Embora hegemônico no Maranhão, o Tambor de Mina- Jeje, Nagô, Cambinda, foi sincretizado no passado com manifestação religiosa de origem indígena denominada Cura/Pajelança e com uma tradição religiosa afro-brasileira, surgida em Codó (MA), denominada Mata ou Terecô (Ferretti, 1996, p. 3).

É preciso salientar que o autor ressalta os entrelaces de saberes religiosos materializado pelo sincretismo como culto da pajelança na linha da cura com outras religiões de matrizes afro brasileiras como umbanda e candomblé, torna o tambor de mina uma manifestação religiosa singular por ter culto de voduns e orixás (africanos), gentis (nobres associados a orixás ou entidades africanas com nomes brasileiros) e caboclos (entidades surgidas nos terreiros brasileiros). Entidades organizadas em nações e em famílias, que possuem diferenças bem marcadas em sua encantaria.

5.1.4) Umbanda

> Não podemos precisar as origens dos rituais praticados na Umbanda. Todavia podemos afirmar que um marco-mito sobre o nascimento da Umbanda, o localiza no Estado do Rio de Janeiro em 1908. Nestes relatos, Zélio Fernandino de Moraes, um jovem que estava se preparando para a carreira militar, começou a ter surtos estranhos à sua personalidade com frequência e sua família preocupada, depois de tentar tratamento com psiquiatra e não ter retorno positivo, o levou em um centro Kardecista em Niterói. Durante a sessão teria se manifestado em Zélio um espírito de Caboclo (Índio), que anunciou um novo culto no qual todos seriam aceitos e ajudados independentes de cor, crença ou classe social, afirmando que naquele momento nascia a Umbanda (Vieira, 2016, p. 5).

Os ritos e práticas para cultuar o sagrado de forma mítica na umbanda, surgiu no fim do século XIX, no estado do Rio de janeiro em 1908 a partir de uma sessão espírita, onde o médium Zélio Fernandino de Moraes incorporou no centro kardecista em Niterói, uma entidade indígena chamada de sete encruzilhadas, que anunciou a chegada de uma nova

crença religiosa que teria o papel de acolhimento e assistência aos indivíduos com problemas espirituais, independente da sua cor, crença ou classe social. De acordo com o site significados *"A palavra é derivada de "u´mbana", um termo que significa "curandeiro" na língua banta falada em Angola, o quimbundo.".* A palavra umbanda traz à língua de povos africanos que contribuíram para criação da religião os ritos e ritualísticas que são realizadas no Terreiro, Templo, Cabana, Centro ou Tenda. São muitas vezes a casa dos próprios dirigentes, adaptada ou em alguns casos um local cedido ou emprestado para realização das gírias de caboclos; podem variar de capacidade, de acolhimento e de pessoas devido ao tamanho do local.

Há diversas umbandas, tais como: a Branca (E aquela que tem uma linha voltada para o espiritismo com ausência da linha de esquerda), a Pura (é praticada pelos primeiros cientistas que lutaram no Rio de Janeiro para legitimar a umbanda no Brasil partindo da criação da primeira federação espírita, por conseguinte promoveram o Primeiro Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda de caráter científico, que ocorreu em 1941), o Popular (é tida como ritos onde os adeptos da religião incorporam seus caboclos de forma natural, sem se preocupar com estudo ou tão pouco com fundamentos), Tradicional (tem suas ritualísticas voltadas à transmissão de saberes da ancestralidade, para jovens iniciantes, além de ensinar de forma oral sem registro os fundamentos da religião), a Esotérica ou Iniciatica (é aquela umbanda que se preocupa com o estudo mais profundo de civilizações, que influenciaram a religião como os egípcios, hindus, maias, incas e astecas), Trançada, Mista ou Omoloco (é praticada com influência dos cultos de nação ou de candomblé, que tem fundamentação e preceito oriundo das culturas africanas, com entidades de umbanda), Cabocla (tem as práticas religiosas baseada na presença do caboclo e guias), Jurema (tal rito e mais forte no Nordeste, no qual a o culto do catimbó ou linha dos mestres da jurema que combinam conhecimentos da cultura indígena com a católica), Umbandaime, Eclética, Sagrada, Cristã. (Cumino, 2019, p.83-87)

No Pará os registros referentes ao surgimento da Umbanda são da década de 1960, quando a primeira pesquisa de campo etnográfica da Amazônia foi sobre as religiões de tradição afro-descendentes, realizada pelo casal Seth e Ruth Leackok que apresentou e nomeou os cultos como "batuque", tido como uma religião sincrética de concepção católica com cosmologias ameríndias. As descrições da pesquisa demonstraram uma forte influência da médium Maria Aguiar nas tradições dos rituais do sul do país, já que a médium visitou o Rio de Janeiro e voltou a Belém com experiências dos terreiros cariocas,

outros registros históricos comprovam a existência de terreiros no Pará, embora sem reconhecimento do Estado. A pesquisadora e professora Dra. Anaíza Vergulino e Silva ratificaram que tais manifestações religiosas não eram reconhecidas e registradas pelo Estado, sendo que há fatos que mostram a existência significativa e numerosa de terreiros no Pará. Atualmente, as ações do governo são de exclusão, perseguições e desrespeitos a todas as religiões afro-brasileiras. Faz-se necessário políticas públicas de forma organizada, para combater o racismo acerca da Umbanda, seus ritos e suas práticas que sofrem com a intolerância religiosa; por conseguintes projetos que estimulem as práticas culturais e religiosas de grupos marginalizados. (Faro, 2021 p 18-19).

6) TERREIRO: ESPAÇO DE RESISTÊNCIA NA TRANSMISSÃO DE SABERES E TROCAS DENTRO DE UMA ABORDAGEM EDUCATIVA.

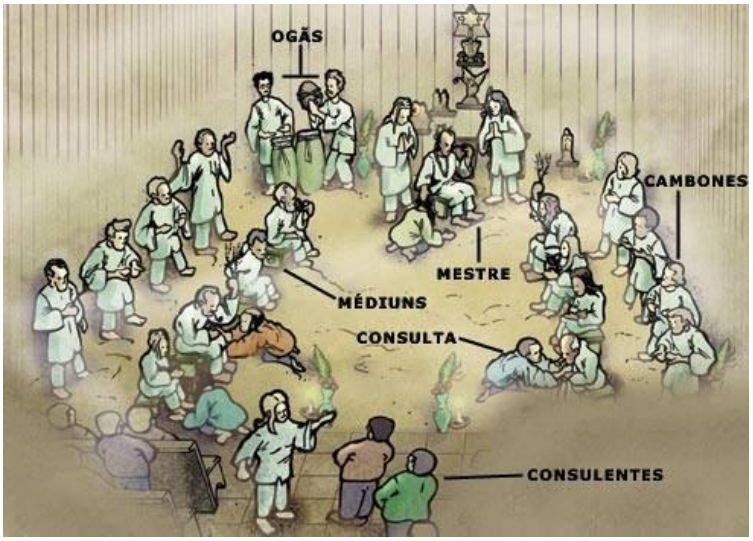
> O terreiro se constituiu como um espaço social onde mitos e tradições eram vividos e atualizados nos ritos. É o lugar onde os mitos e ritos fazem parte da vida das pessoas e não se limitam ao espaço físico, ao contrário, extrapolam para as matas, rios, encruzilhadas. Nele há conflitos, disputas por lugares na hierarquia, onde a vida da cidade está contida ao mesmo tempo em que transborda para ela seu cotidiano sagrado. (Pinheiro, 2009, p.3).

O terreiro torna-se para os afros religiosos, um espaço de expressão da materialização do sagrado e do profano, no qual, os ritos e ritualísticas com pontos cantados e riscados, além de oferendas e trabalhos místicos, com entidades caboclos, guias e orixás expressos no Tambor de mina, candomblé e umbanda entre outros. Nesse local são transmitidos conhecimentos sobre a religião de maneira oral e escrita, visando o ensino e aprendizado do participante do culto ou mesmo para os simpatizantes que somente procuram a assistência.

> O espaço do terreiro pode ser dividido entre a ala da assistência, ala dos médiuns (em algumas casas este espaço é chamado de “mesa branca” onde fica o palestrante também), o congá, ala dos atabaques, “posto mediúnico” que é o local onde são realizadas as consultas, espaço para Exus (encontrado em alguns tipos de casas Umbandistas), em algumas casas há biblioteca (onde ficam livros espiritualistas para empréstimos), espaço onde fica o cambone com as senhas para as consultas, cozinha, espaço para as águas, banheiros e vestuários (Feminino/Masculino).
> O Gongá (ou Congá) é um local que fica no centro ou no canto dentro do terreiro onde são postas as imagens dos representantes espirituais do culto. É um local de oração e respeito no qual seus seguidores agradecem, reverenciam seus guias e fazem suas preces deixando em alguns casos, uma vela acesa no chão em frente o Congá. (Vieira, 2016, p. 9).

Num terreiro de matrizes afro, há uma divisão de trabalho no espiritual da gíria, uma hierarquia para o desenvolvimento do trabalho, sendo subdividida em ala dos médiuns pai ou mãe de santo podendo ser babalorixa ou yalorixa (cambones e rodantes) e dos atabaques (abatazeiros). Popularmente o conga seria o local em que são realizadas as manifestações dos caboclos, guias, voduns, inquices, exus, existe o pai de santo ou mãe de santo, os rodantes, cambones e abatazeiros.

Figura 2- organização de uma gira de um terreiro de umbanda



Fonte: https://umbandaeucurto.com/como-funciona-um-terreiro-de-umbanda/

Logo acima pode-se verificar como acontece a gira de assistência no espaço sagrado (terreiro) e dividido por funções que cada adepto da umbanda realiza para promover a assistência espiritual (cambone, rodante, abatazeiro ou oga e pai ou mãe de santo) aos consulentes. No contexto físico o terreiro deve ter uma cozinha, um quarto para consulta com mais privacidade entre o consulente e o caboclo, já o salão para ocorre as gírias, banheiros e o quarto para troca das vestimentas dos trabalhadores do axé que sejam homens ou mulheres.

Além de que no conga descritivamente tem imagens de caboclos, objetos de referência de cada guia e orixá (velas de várias cores e formatos, bebidas,

cigarros, ervas, banhos, defumações), inclusive a própria vestimenta e colares distribuídos conforme as linhas seguidas do zelador (a) de santo tem em sua casa ou barracão. O Quadro de representatividade abaixo demarca a ritualística de um terreiro de umbanda demonstrando que as diferenças apresentadas começam no início do ensino do médium que aprendera sobre ritos e práticas, em como a hierarquia dos orixás e falangeiros resvelando sobre as funções de um terreiro materializado nas vestimentas também.

REPRESENTATIVIDADE DE VESTIMENTAS E DE OBJETOS DA RITUALISTICA DA UMBANDA

Vestimenta de médiuns iniciantes

https://www.google.com

https://lista.mercadolivre.com.br

Vestimenta da mãe de santo (Patrícia de Oya)

Fonte: Acervo Pessoal

Colares ou guias e velas coloridas

https://www.facebook.com/photo/

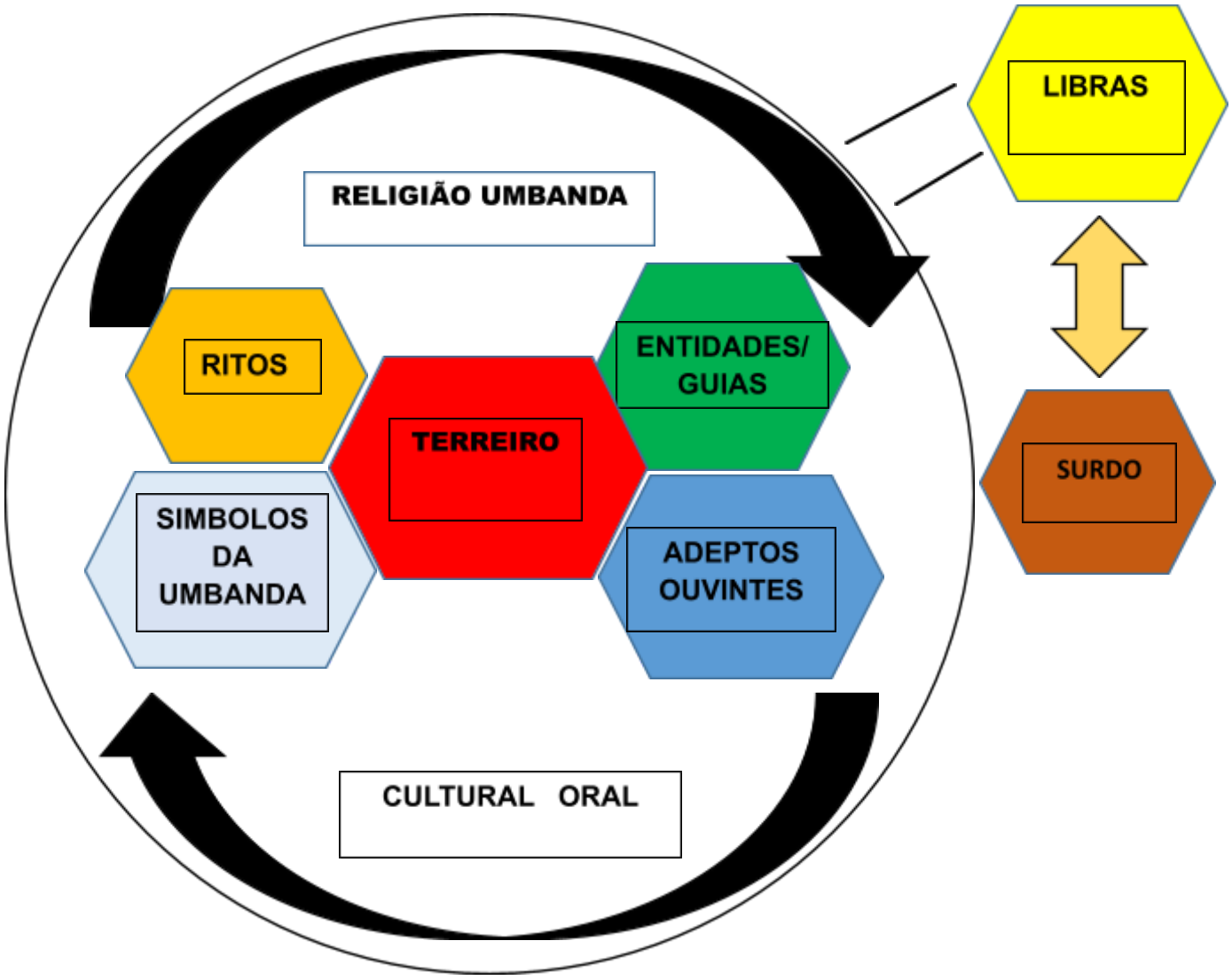
https://shopee.com.br

Imagens de orixás e guias

https://produto.mercadolivre.com.br

Logo abaixo a uma transcrição de como se organiza o espaço sagrado da religião umbanda por meio de um mapa conceitual.

MAPA CONCEITUAL DA ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO SAGRADO



O mapa conceitual materializa a questão da organização do espaço religioso umbandista, bem como demonstra a prevalência da cultura oral sem a inclusão de Libras. Pois nos terreiros há predominância da oralidade, e as Libras seria uma ferramenta para promover o ensino e aprendizado religioso, se for usada no espaço sagrado. Os praticantes e sacerdotes da umbanda e de outros segmentos do rito afro-religioso, necessitam usar uma didática de cunho inclusivo para transmissão dos saberes da religião,

correlacionada com as suas experiências vivenciadas, e também ao conhecimento adquirido para o surdo que queira aprender esses conhecimentos ancestrais.

O terreiro é o espaço da expressão do sagrado e é de suma importância trabalhar o desenvolvimento espiritual dos médiuns residentes da casa, tanto com ensinamentos de base oral, quanto escrita. No qual, a elaboração de material apostilado com base em pesquisa para o sacerdote umbandista transmite os ensinamentos da prática da umbanda para um coletivo, é preciso ter sensibilidade com aqueles que estão ali para o aprendizado, quer seja a pessoa considerada normal sem qualquer tipo de deficiência ou mesmo deficiente. Ensinar os ritos e práticas, precisa de dedicação e disciplina por parte de quem ensina e daquele que quer aprender. Se faz necessário um planejamento e organização de tempo, recurso financeiro e de material para poder transmitir os saberes.

7) A DESCONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIORRELIGIOSO ACERCA DO APRENDIZADO DAS MATRIZES AFRO-RELIGIOSA PARA OS SURDOS: É POSSÍVEL?

Sim, através da educação:

> porque a educação é inevitável". Uma outra, melhor seria: "porque a educação sobrevive aos sistemas e, se em um ela serve à reprodução da desigualdade e à difusão de ideias que legitimam a opressão, em outro pode servir à criação da igualdade entre os homens e à pregação da liberdade. (Brandão, 2001, p 45)

Entende-se que a educação é instituída, legitimada e limitada aos espaços institucionais reconhecidos pela sociedade, para promover o pleno desenvolvimento e a aprendizagem do indivíduo em coletividade. Entretanto, o processo educativo pode ocorrer em espaços não formalizados correlacionado às comunidades tradicionais, religiosas e culturais que têm seus saberes e fazeres singulares, na qual, são perpassados e mantidos com tradicionalidade as pretensas gerações futuras.

> A educação não formal toda atividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do Marco do sistema oficial para facilitar determinados tipos de aprendizagem e subgrupos específicos da população tanto adulto quanto infantil"; é a educação informal, "um processo que dura a vida inteira, em que as pessoas adquirem,

> acumulam conhecimentos, habilidades, atitudes e modos de discernimento por meio da experiência diária e de sua relação com o meio. (Trilla,2005, p 33)

Os espaços religiosos afro-brasileiros, como terreiros de candomblé e umbanda, possuem um ensino não formal, que ocorre de maneira tradicional e oral. O aprendizado acontece principalmente por meio da convivência e da experiência direta, em um processo de observação e imersão na prática religiosa e cultural.

Os ensinamentos são transmitidos através de rituais, histórias, cânticos, danças e costumes sem um currículo formal ou estruturado. Quem frequenta esses espaços aprende sobre as divindades, valores, ética, e práticas espirituais através da relação com os mais velhos, líderes religiosos (como mães e pais de santo), e outros membros da comunidade. É um processo que valoriza a experiência coletiva, a ancestralidade e o tempo com cada pessoa; absorvendo os ensinamentos de acordo com seu próprio ritmo e trajetória. Esse tipo de educação não formal desempenha um papel fundamental na preservação das culturas e espiritualidades afro-brasileiras, que são baseadas na oralidade e nas vivências, mantendo vivas tradições que foram historicamente marginalizadas e discriminadas.

A desconstrução do preconceito acerca dessas religiões afro-brasileiras somente se dará através da educação, que permitirá o reconhecimento das diferenças e de suas tradições, por mais que a sociedade ainda reproduza o colonialismo que discrimina culto de deidades africanas e entidades caboclas, como se essas comunidades não promovessem a educação nos espaços sagrados, como perpetuação de saberes e fazeres ligados aos ritos. As dificuldades existem para o repasse do conhecimento ao ouvinte e avaliação do surdo. Entretanto, as práticas e ritos afro-religiosos tem suas particularidades e distinções que se adequam às mudanças dos contextos sociais, ao longo do tempo e espaço.

Então, explicitar resumidamente as práticas de um terreiro atrelado a uma ritualística, bem como explanar a participação do surdo no espaço sagrado do ensino e aprendizado que deve ser adequado e inclusivo; perpassando por estratégias pedagógicas para sensibilizar, conscientizar os praticantes e o sacerdote de umbanda ouvintes, partindo do princípio de acolhê-lo, mediando uma comunicação de apontação e demonstração das ritualísticas e da simbologia existente no espaço das Libras, que precisa ser ensinada para o uso especifico no terreiro com a comunidade religiosa, engajada nesse processo educacional e mediador; os surdos terão acesso aos costumes e hábitos nos terreiros podendo constitui até uma identificação.

> O ritual da Umbanda, nessa perspectiva, apresentada pela Liderança religiosa, é o próprio caminho do umbandista. E a gira, esta então é o momento em que a celebração ritualística acontece, que se configura como um momento no cotidiano dos filhos de Santo destinado ao culto àqueles que devotam fé. Voltamos então à dimensão de continuidade, Unidade, que vem se apresentando como aquilo que é a própria Umbanda. Exatamente por tomar essa proporção na vida dos filhos da casa, é que esse tempo dedicado à preparação da Gira é ritualístico. (Faro 2021 p 32)

Nos rituais da Umbanda as práticas espirituais são voltadas à comunicação com entidades espirituais, conhecidas como guias e orixás, para ajudar na assistência dos fiéis e adeptos em suas necessidades físicas, emocionais e espirituais. O objetivo principal é sempre a caridade e o auxílio espiritual aos necessitados, além de que, o caminhar daquele que frequenta o espaço para o exercício religioso deve convergir ao aprendizado dos ritos que detém regras para conviver no coletivo da comunidade do santo. Por conseguinte, ocorre assimilação dos conhecimentos repassados de espiritualidade e ancestralidade pelo sacerdote da casa (pai ou mãe de santo), que ensinará a relevância do papel do médium, como instrumento de caridade no espaço religioso e a materialização disso, nas giras e na sua vida.

7.1 A simbologia dos ritos na umbanda

Os saberes e fazeres ensinados e praticados em um terreiro varia de um lugar para outro, mas alguns rituais são comuns como:

1. **Gira:** É a cerimônia principal da Umbanda, onde os médiuns incorporam entidades espirituais como os Orixás, Pretos-Velhos, Caboclos, e outros guias. Durante a gira, há cantos (pontos), danças e oferendas que ajudam a estabelecer a conexão com o mundo espiritual.

> Há sempre três movimentos que compõem o ritual: a organização do Congá; organização da Gira, a Gira propriamente dita; a limpeza do Congá e dos filhos da casa (energética, por meio do banho de descarrego, realizado preferencialmente lá mesmo ou em suas residências, a livre escolha do participante) (Faro, 2021, p. 26).

A gira é organizada tanto de forma individual quanto coletiva para o acolhimento em si daqueles que adentram a casa em busca de cura, cuidados, palavras de calor e acolhimento. São tratados males da alma como doenças psicossomáticas (Ansiedade, Irritabilidade, dores crônicas, alterações no apetite, fadiga, fraqueza, distúrbios gastrointestinais, taquicardia, depressões profundas, doenças psiquiátricas não

diagnosticadas, doenças físicas diagnosticadas como fatais, dependência química grave, situações diversas) e espirituais como obsessões que afetam o psicológico e emocional do indivíduo, doenças sem explicações e que a medicina não cura, ou curam e a espiritualidade intervém para auxiliar o tratamento médico do então paciente , são curadas nesse espaço Sagrado, nas mãos de pretos velhos, povo da mata e da água, entidades de esquerda como malandros e Exus. No intuito de mediar ou prover a cura partindo da assistência do local sagrado com as deidades que acolher e se compromete a prática da caridade.

2. **Pontos cantados:** São cantos específicos que invocam as entidades espirituais. Esses pontos ajudam a criar a atmosfera sagrada e a chamar os espíritos para a gira. Eles podem ser cantados ou batidos, com o uso de atabaques (tambores).
3. **Defumação:** Antes de iniciar a gira, é comum a defumação do espaço com ervas e resinas, para purificar o ambiente e afastar energias negativas.
4. **Despachos e Oferendas:** Oferendas de alimentos, bebidas, flores, e outros itens são feitas aos Orixás e entidades como forma de agradecimento, pedido de proteção, ou para resolver problemas específicos. Esses despachos são muitas vezes deixados em locais naturais como praias, cachoeiras e matas.
5. **Consulta Espiritual:** Durante a gira, os fiéis podem receber orientação diretamente dos espíritos incorporados nos médiuns. As consultas são momentos de aconselhamento espiritual, onde os espíritos oferecem sabedoria e sugestões para problemas específicos.
6. **Passes e Benzimentos:** Os médiuns e sacerdotes da Umbanda podem realizar passes, que são transferências de energia para limpeza espiritual e cura, ou benzimentos, rituais de proteção e bênção utilizando ramos de plantas, água benta ou outros elementos.
7. **Desenvolvimento Mediúnico**: Os praticantes da Umbanda, especialmente aqueles com dons mediúnicos, passam por rituais de desenvolvimento onde aprendem a controlar e aprimorar suas capacidades de incorporação e comunicação com os espíritos.
8. **Amacis e Banhos de Ervas:** Os amacis são preparados feitos com ervas, usados para limpar a aura e fortalecer a conexão espiritual dos médiuns. Esses banhos geralmente são dados antes das giras ou de trabalhos espirituais importantes.

9. **Descarrego:** Este é um ritual para liberar energias negativas que podem estar afetando uma pessoa. Pode incluir rezas, passes espirituais e a utilização de elementos como água e ervas.
10. **Firmeza de Ponto:** Durante a gira, pontos riscados no chão com pemba (giz especial) são usados para firmar a proteção e a segurança do terreiro, criando um espaço sagrado onde os trabalhos espirituais podem ocorrer com segurança.

Por conseguinte, se faz necessário acompanhar as mudanças e a realidade que vivemos na região ou localidade que estamos inseridos, quer seja para o aprendizado, assistência espiritual e projetos socioeducativos com o uso da simbologia do terreiro (imagens e pinturas dos caboclos e orixás, banhos, defumações, rezas, instrumentos musicais entre outros) vislumbrando o ensino pelo visual e sensorial, permitirá o continuar desses conhecimentos tradicionais adequando e flexibilizando ao contexto da realidade. E o mais importante é a comunicação e as trocas tanto para ensinar, quanto para auxiliar os surdos nos espaços sagrados. A sugestão seria promover no processo comunicacional e educacional dos ritos sagrados, a implementação do aprendizado acerca da inclusão do surdo e das Libras no terreiro voltado aos ouvintes da comunidade:

- ✔ Sensibilização e Conscientização: Promova debates acerca da importância da inclusão e da comunicação com pessoas surdas dentro da comunidade do terreiro.
- ✔ Realiza palestras e oficinas como a ONA PELU que proporciona conscientização dos afros religiosos sobre a Libras e a cultura surda.
- ✔ Capacitação dos Integrantes: Organiza as oficinas de Libras para todos os membros do terreiro, desde iniciantes até níveis mais avançados.
- ✔ Material de Apoio: Disponibiliza materiais didáticos, como livros, vídeos e aplicativos que ensinam Libras. Criam cartazes e sinais visuais pelo terreiro com os principais sinais usados no cotidiano do terreiro.
- ✔ Prática Contínua: Incentiva a prática constante da Libras em atividades diárias e rituais do terreiro. Promova encontros regulares onde os membros possam praticar e aprimorar suas habilidades em Libras.
- ✔ Inclusão nos Rituais e Atividades: Adapte os rituais e atividades do terreiro para incluir a Libras, permitindo que as pessoas surdas participem.

- ✔ Ambiente Acessível: De maneira possível se faz necessário adaptações no espaço físico do terreiro para torná-lo mais acessível às pessoas surdas, como boa iluminação e disposição dos assentos que permitam a visualização clara dos sinais.
- ✔ Comunicação Visual: Utilize tecnologias de comunicação visual, como projeções de textos e vídeos com legendas, para complementar a comunicação em Libras.

Implementar essas medidas pode criar um ambiente mais inclusivo e acolhedor para pessoas surdas no terreiro, fortalecendo a comunidade e promovendo a igualdade de participação.

8) COMUNICAR, EDUCAR PARA TRANSMITIR AS PRÁTICAS RITUALÍSTICAS DA UMBANDA PARA O SURDO.

> A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar — às vezes a ocultar, às vezes a inculcar — de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem (Brandão, 2001, p. 4).

A educação não está correlacionada somente aos métodos pedagógicos e didáticos do ensino que visam a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral do indivíduo. Mais do que o fator cultural determinar um grupo social ou comunidade, é a educação que se encontra no epicentro da coexistência entre indivíduos, promovendo a troca de saberes e práticas que afirmam a identidade de uma determinada sociedade. Representando assim, a (re)produção de práticas socioculturais dentro de uma perspectiva de ensino e aprendizado, que inclui regras e códigos de conduta dentro de vários aspectos da vida do indivíduo que seja religioso de cunho comunicacional sociocultural. O sujeito para manter alguns de seus costumes e hábitos culturais, de cunho oral e escrito precisa transmitir seus conhecimentos partindo do educar, em que dependendo do segmento social não está atrelado ao caráter geral codificado e sim particularizado no seu grupo.

O ato de educar não acontece tão somente nos espaços formais, mas em grupos e comunidades que têm suas singularidades, a exemplo disso é o caso das religiões afro-brasileiras que tem seu conhecimento ancestral transmitido nos espaços dos terreiros,

tendo características próprias acerca dos ritos e ritualísticas que o participante precisa aprender.

> Os processos de aprendizagem que ocorrem no Terreiro de Umbanda sinalizam a existência de diferentes modos de socializar e transmitir conhecimentos. É importante destacar que este estudo visa investigar os processos de transmissão de saberes no contexto de Umbanda aos seus filhos de santo, compreendendo-os como processos de aprendizagem se dão na prática, seus significados com base na percepção dos próprios sujeitos envolvidos nesta religião que se dá no espaço social dos terreiros (Vieira, 2013, p. 2).

As religiões de matrizes afro-brasileiras, tem o aprendizado transmitido de forma oral no espaço do terreiro, a socialização dos conhecimentos e das práticas ancestrais. A etapa de desenvolvimento espiritual de cada médium se dá dentro de um contexto simbólico desde a vestimenta, adornos como colares, velas, as imagens de caboclos e guias, as oferendas, banhos, defumações, pontos riscados e cantados (uso de atabaques) bem como a louvação aos orixás, caboclos, guias e exus trazem um aprendizado de cunho visual e espacial. No terreiro a comunicação é priorizada nos ensinamentos das práticas que têm significados e sentidos de caráter sensorial.

A comunidade religiosa tem processo de identificação com suas raízes ancestrais. Na atualidade a comunidade de terreiros passa por um processo de ser reinventar, adequar e adaptar frente às novas necessidades com relação à assistência, e ao ensino religioso praticado no espaço. Então, hoje muitos terreiros procuram da sua forma trabalhar a inclusão e até mesmo, a acessibilidade das pessoas deficientes no espaço, não voltado somente a assistência, mas também a transmissão das práticas ao deficiente, referente aos ritos da umbanda.

Os terreiros ou searas de umbanda que respeitam a diversidade social e a inclusão dos deficientes já é uma realidade nos locais de nossas práticas religiosas, geralmente é voltado a assistência espiritual que os familiares perdem. Nos terreiros de Umbanda são fomentados processos educacionais, que ajudam e possibilitam a reflexão por meio dos estudos culturais voltados a diálogos interculturais numa perspectiva crítica, que passa pelas diversas manifestações construídas pela oralidade e a escrita; permitindo uma ação pedagógica inclusiva.

> [...] o médium surdo se comunica, principalmente, através de língua de sinais e, por meio dela, expressa o conhecimento adquirido sobre as guias que representam os seus Orixás. Este conhecimento obtido através da sua experiência médium no terreiro contribuiu para a transposição das informações por meio da descrição de características marcantes das representações simbólicas, em especial, por meio das representações imagéticas, representações performáticas e pela

> contextualização de fatos empíricos. Desse modo, o médium surdo se utiliza, também, de ambas as características de representações simbólicas para expressar o sagrado e seus fenômenos (Ribeiro, 2018, p. 104).

A partir do relato de experiência de um pesquisador sobre a participação de um praticante surdo em um terreiro de Umbanda, observou-se que o acolhimento e a interação do pai de santo e dos demais adeptos foram fundamentais para a inclusão. Ao participar da comunidade umbandista, o surdo tem seu ensino ancestral do sagrado transmitido através das práticas do culto, adquirindo conhecimento sobre a simbologia (imagens, velas, colares e afirmações) e a representatividade dos Orixás, guias e caboclos. Conforme a socialização, o indivíduo compreende a dinâmica e o ritmo da casa, dessa forma consegue expressar sua fé no santo.

Mas essa transmissão de saberes, segundo o autor somente foi possível por conta da interação, dos laços de familiaridade e adequação da comunidade religiosa, que passou a ser flexibilizar acerca do aprendizado das Libras com o praticante surdo que criara sinais para expressar o que entendeu em Libras das suas percepções viso-espaciais do culto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, a proposta foi uma pesquisa bibliográfica acerca de trabalhos referentes às experiências, através de relatos da inclusão de Libras no terreiro e de como os praticantes da Umbanda transmitem seus saberes e fazeres acerca da religião no processo comunicacional para que os sujeitos surdos conheçam a ancestralidade de matriz africana, especificamente a Umbanda. Percebeu-se ao longo da pesquisa a escassez de produções científicas sobre como as pessoas com deficiência participavam dos terreiros, principalmente o surdo..

Para tanto foi realizado um estudo com abordagem de cunho qualitativo, escolhida por oferecer melhores condições para o pesquisador e estar em contato direto com seu objeto de pesquisa. A análise da pesquisa bibliográfica foi baseada no relato de experiência sobre a participação do surdo no âmbito sagrado, entende-se que é de suma relevância o repasse dos saberes e dos ritos da umbanda de forma adequada, resultando na construção de novos saberes que mediam uma melhor comunicação. No caso o tema da inclusão do surdo e do uso das Libras no espaço religioso.

Para isso o estatuto da pessoa com deficiência, Lei 13.146 de 2015 em seu Art. 3, é possível perceber a aplicabilidade de acesso e acessibilidade para o deficiente, além da comunicação no espaço de maneira informal.

> V – comunicação: forma de interação dos cidadãos que abrange, entre outras opções, as línguas, inclusive a Língua Brasileira de Sinais (Libras), a visualização de textos, o Braille, o sistema de sinalização ou de comunicação tátil, os caracteres ampliados, os dispositivos multimídia, assim como a linguagem simples, escrita e oral, os sistemas auditivos e os meios de voz digitalizados e os modos, meios e formatos aumentativos e alternativos de comunicação, incluindo as tecnologias da informação e das comunicações.[...] (Brasil, 2019, p. 9).

No Estatuto da pessoa com deficiência é demarcando que o indivíduo em sociedade deve ter o seu direito à cidadania respeitado e que a comunicação é um dos seus direitos de uso da língua e da linguagem, bem como tecnologias assistivas, como Braile, multimídias com uso de voz digitalizada para o cego e surdocego, além de outras formas alternativas que podem possibilitar ao deficiente a inclusão e acesso com equidade à educação e também à mobilidade no espaço urbano e rural. Sendo institucional ou não com ferramentas que permitam a comunicação e informação quer seja em braile, ou em Libras, a compreensão do contexto que o indivíduo está inserido. No caso do surdo, a comunicação se dará através da língua e linguagem viso-espacial.

> O povo surdo é formado por sujeitos que compartilham dos mesmos costumes, história, tradições em comuns, compartilham mesmas peculiaridades culturais e constroem a sua concepção de mundo através do artefato cultural visual (Mariot, 2017, p. 14).

O sujeito surdo é aquele que compartilha identificações de resolução de problemas de direito a cidadania, cultura e história, que geralmente participa de grupos diversos dependendo do local em que vive e, que a sua forma de perceber o seu contexto é através do aprendizado da língua, do visual e da expressividade para intermediar o processo de compreensão do mundo que vive. Por isso, que a inclusão do surdo no terreiro somente ocorrerá nos espaços se for trabalhado a educação, promovendo a conscientização daquele que dirige, fomentar na comunidade religiosa a empatia ao próximo para transmissão e manutenção da tradição ancestral. Assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo, nação ou então de grupos no interior de uma sociedade.

Compreender que se faz necessário mais pesquisas voltadas à inclusão do surdo como participante das religiões de matriz afro-brasileira, com a finalidade de desmistificar o imaginário colonial, mas sobretudo pontuar as trocas de saberes e catalogar o repertório acerca da simbologia e da sua percepção do sagrado, por meio dos sinais que existem e foram criados pelo surdo. É importante compreender profundamente o que são essas religiões, quem são seus praticantes e reconhecê-los como parte integrante de nossa história e cultura como um todo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **Uma história do negro no Brasil.** Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em: https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/uma-historia-do-negro-no-brasil.pdf . Acesso em: 07 de ago. 2024.

ALVES, Francisco Marcos. Educação e transformação da sociedade. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 34, 8 de setembro de 2020. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/educacao-e-transformacao-da-sociedade. Acesso em: 07 de ago. 2024.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil**. Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais,2011. PG 9. Disponível em: https://biblioteca.clacso.edu.ar/Brasil/ceao-ufba/20170829034517/pdf_242.pdf. Acesso em: 07 de ago. 2024.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo, Editora Brasiliense, 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992579/mod_resource/content/1/O%20que%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 07 de ago. 2024.

BRASIL. Estatuto da Pessoa com Deficiência. – 3. ed. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2019. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/554329/estatuto_da_pessoa_com_deficiencia_3ed.pdf Acesso em: 14 de ago. 2024.

CUMINO, Alexandre. **História da umbanda uma tradição brasileira**. São Paulo: Madras 2019. Acesso em: 14 de ago. 2024.

EVANGELISTA, Lázaro de Oliveira. **Religião De Matriz Africana / Afro-Brasileira**: Lócus de resistência, acolhimento e educação. Dissertação (Mestrado em Educação). Porto Alegre: UFRGS 2019. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/200101/001102404.pdf . Acesso em: 14 de ago. 2024.

FARO, Rubens Alexandre de Oliveira. **Saberes Culturais da Umbanda e Língua Brasileira de Sinais:** Estudos Terminológicos Para Proposta De um Glossário. — 2021.

118f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Castanhal, Programa de Pós-Graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia, Castanhal, 2021. Acesso em: 14 de ago. 2024.

FERRETTI, Mundicarmo. **Tambor de mina e umbanda**: O culto aos caboclos no Maranhão. Publicado no Jornal do CEUCAB-RS: O Triângulo Sagrado, Ano III, n. 39 (1996), 40 e 41 (1997).UEMA; INTECAB. Disponível em: https://www.gpmina.ufma.br/arquivos/Mina%20e%20Umbanda.pdf . Acesso em: 14 de ago. 2024.

GÓIS, A. J. As religiões de matrizes africanas: o Candomblé, seu espaço e sistema religioso (Studies concerning Candomblé: its space and its religion system). **Horizonte** - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 11, n. 29, p. 321-352, 27 mar. 2013. Acesso em: 14 de ago. 2024.

MARIOT, Alini. Caracterizando o Sujeito Surdo. **XXXI Congresso Alas**. FURG - Rio Grande Do Norte. 2017. Disponível em: https://www.easyplanners.net/alas2017/opc/tl/6889_alini_mariot.pdf . Acesso em: 02 de Set. 2024.

PERALTA. Camila da Luz et. al. **Apresentando o gênero diário**. Unipampa. Bagé, 2014. Disponível em: https://www.letras.mus.br/thaide/povo-de-aruanda/https://sites.unipampa.edu.br/pibid2018/files/2014/08/projeto-oficina-diario_felix.pdf Acesso em: 02 de Set. 2024.

PINHEIRO, Erika do Nascimento. Candomblé nagô de Salvador: identidade e território no Oitocentos. **XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772188_7644fa13d7d847dcb262c2bb7e767ac0.pdf. Acesso em: 30 de out. 2024.

RIBEIRO, Jakson dos Santos, et al. Identidade Religiosa do Médium Surdo no Terreiro de Mina – Jeje Nagô Huevy em Belém – Pará. **Revista Periferia**, v.10, n.1, p. 100 – 119, Jan./Jun. 2018. Disponível em: file:///C:/Users/gabri/Downloads/hectorscalixto,+IDENTIDADE+RELIGIOSA+DO+M%C3%89DIUM+SURDO+_Template+2018_100-119.pdf Acesso em: 30 de out. 2024.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

TRILLA, Jaume. GHANEM,Elie. Educação formal e não formal: pontos e contrapontos. USP_ São Paulo Editora Summus 2005.Disponível em:https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/8320422/mod_resource/content/1/A_educacao_nao-formal.pdf Acesso em: 30 de out.2024.

VIEIRA, Carolina Ferreira. **Umbanda: Estrutura e Rituais**. TCC. Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Juiz de Fora-UFJF, 2016. Disponível em: https://www2.ufjf.br/bach//files/2016/10/CAROLINA-FERREIRA-VIEIRA-sda.pdf. Acesso em: 30 de out. 2024.

VIEIRA, Maurício Benedito da Silva. **A prática religiosa na umbanda como prática educativa**. PUC- Goias. publicação maio de 2013. Disponível em: https://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/Mauricio-Benedito-da-Silva-Vieira.pdf. Acesso em: 30 de out. 2024.